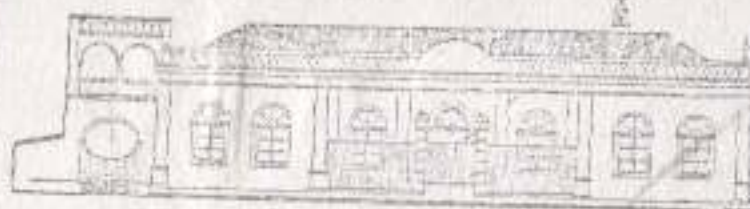


VERGÍLIO PASSOS

A PROJECCÃO DO INFANTE NO MUNDO



LISBOA
PORTUGÁLIA EDITORA
1960



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 365 2-4 ta N.º 905

As pessoas Tis
Artur Rodrigues
de Passos com
um abraço

do
Wengili Artur

A PROJECCÃO DO
INFANTE NO MUNDO

DO AUTOR :

ESCULTURA GREGA

UMA ESCULTORA ALGARVIA

O LIRISMO EM BERNARDO DE PASSOS

VERGÍLIO PASSOS

A PROJECCÃO DO INFANTE NO MUNDO



LISBOA
PORTUGÁLIA EDITORA
1960

Introdução

Os «Quadros Henriquinos», publicados pelo «Diário de Notícias», criteriosamente organizados, têm tido uma acção divulgadora de excepcional importância, diga-se em boa verdade, a mais importante entre o grande público. Neste nosso trabalho sobre o Infante D. Henrique apraz-nos transcrever o que nos diz o n.º 34 dessa valiosa Colecção: «As razões da escolha de Sagres, o velho e histórico Promontório Sacro dos Romanos, deu-as o próprio «Navegador», ao explicar por que ali se acolhera, na Carta escrita a menos de um mês da sua morte, em 19 de Setembro de 1460: Porque a Sagres aportava um grande número de navios para se refazerem e onde, por isso mesmo, e pela magnífica posi-

ção geográfica melhor podia colher informações que o orientassem na execução do seu grande plano, que então começava a corporizar-se».

E mais adiante :

«A empresa gloriosa dos Descobrimientos demandava estudo aturado e, naturalmente, demorada preparação. Sagres era o local ideal, não sòmente para o estudo a que o inclito príncipe se dedicava sem descanso, como para meditação fora da vida movimentada da còrte.

A escola de Sagres teria nas plagas Algarvias o ambiente naturalmente propício ao seu desenvolvimento, principalmente pelas razões que o Infante deixou assinaladas na carta que acima referimos.

O Algarve devia completar Ceuta»

«Em Lagos — diz um historiador estrangeiro dos Descobrimentos — se construíram e tripularam os seus navios e ali e em Sagres se conheceram todos os planos dos Descobrimentos, se corrigiram os mapas e os instrumentos e se compararam os relatos dos viajantes antigos com os dos modernos, trabalho do próprio Infante. Os resultados passaram depois para as instruções dos seus capitães e ao equipamento das caravelas.

O Promontório Sacro, então por ele colonizado, tornou-se um centro excelente para a sua ocupação de explorar o Oceano. Ali, com o Atlântico a banhar a terra por três lados, ele estava bem no campo de acção. Havia na Ponta de Sagres constru-

ções que datavam do século XI. A geografia dos gregos tomava-a como ponto de partida para as suas medições de extensão continental do mundo habitado, e os genoveses, cuja política consistia em adquirir os pontos mais vantajosos de todas as costas, desejavam ardentemente uma colónia naquele lugar, mas Portugal não quis tornar-se um império de comércio italiano, como era o império bizantino, e D. Henrique tinha as suas razões pessoais para se garantir a posse de um promontório isolado.

Sagres ficou assim como testemunha petrificada, gigantesca, heróica, da maior epopeia que o mundo viu e, também, daquela decisão de mandar ao mar os primeiros dois

navios, numa manhã, para todos os séculos inesquecível «Como se naquela noite lhe fôra dito que, sem mais dilatação, nem inquirição do que perguntava, mandasse descobrir».

Por todas estas razões históricas, Sagres é o simbolo vivo da epopeia dos Descobrimentos. Todas as homenagens ficarão incompletas se, no Promontório Sacro, não se erguer uma figura gigante do Infante que se projecte na terra, mar e céu, formando uma unidade indivisível com a rocha calcinada pelo tempo. Essa figura grandiosa do Infante que illuminou os séculos fazendo surgir novos mares e novos mundos.

OS PROJECTOS DO MONUMENTO EM SAGRES

O «Diário de Lisboa», de 9 de Março de 1960, sob o título «A Glorificação do Infante que no promontório de Sagres planeou a epopeia das Descobertas» diz: «As comemorações henriquinas em Odemira culminaram, na abertura, com a sessão solene, em que foi orador oficial o sr. Dr. Vergílio Passos.

«O seu estudo sobre «A projecção do Infante no Mundo» constituiu um valioso trabalho em que surgem nas suas verdadeiras proporções históricas a figura de D. Henrique e, principalmente, a sua acção propulsora da epopeia dos Descobrimentos na escola náutica em Sagres. O sr. Dr. Vergílio Passos reeditou a tese de que a consagração do Infante, num monumento glorificador, devia ter por cenário o quadro imponente e evocador do Promontório de Sagres, ideia apresentada e vibrantemente defendida pelo ilustre e saudoso Director do «Diário de Lisboa», Dr. Joaquim Manso».

Sobre este antêntico problema nacional diz o Sr. Major Mateus Moreno, ilustre Presidente da «Casa do Algarve», velho pioneiro da Campanha do Monumento em Sagres, no seu estudo intitulado «Sagres e o Infante»:

«Nos votos finais do II Congresso Regional Algarvio, cujas sessões decorreram em Lisboa, com marcante objectividade, de 26 a 28 de Janeiro de 1951, figurou o de se promover junto das camadas intelectuais do País activa propaganda no sentido de se dotar, finalmente, a esquecida página de Sagres, da viva iluminura imposta pela projecção mundial das suas tradições.

Tomou sôbre si a Comissão Cultural da Casa do Algarve a incumbência de materializar tal voto numa série de conferências e palestras subordinadas ao tema «Consagração Nacional do Infante D. Henrique».

Em 1 de Julho de 1954, um decreto-lei, publicado pela Presidência do Conselho, revelou a iniciativa do Governo no sentido de ser condignamente comemorado, em 1960, o V centenário da morte do Infante D. Henrique. Nesse diploma

A PROJECCÃO DO INFANTE NO MUNDO

acentuava-se o conceito exacto de que o Infante é, não só um dos maiores vultos da história pátria, como o português de maior projecção no Mundo.

«O curso da história e da civilização não seria o que foi sem ele, ou, o que é o mesmo, sem os descobrimentos dos Portugueses, que na máxima parte se devem ao seu esforço e engenho».

Por tal motivo resolveu a «Casa do Algarve» enviar ao Governo a seguinte mensagem:

«Senhor Presidente do Conselho

Excelência:

A «Casa do Algarve», em Lisboa, reunida em Conselho Pleno dos seus Corpos Gerentes e Consultivos, cõnsencia de interpretar o sentimento de todos os Algarvios, deliberou, por aclamação, vir até junto de Vossa Excelência patentear o seu mais vivo preito de homenagem e reconhecimento pela patriótica decisão que acaba de ser tomada pelo Governo de incluir nas Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, a realizar em 1960, a inauguração, no Promontório de Sagres — relicário augusto das nossas maiores glórias náuticas —, de um grandioso Monumento

«que, além de constituir, como nas disposições oficiais se acentua, particular homenagem ao Infante, represente a consagração do primeiro ciclo dos Descobrimentos Portugueses e do movimento que abriu o mar à civilização do Ocidente».

O nosso reconhecimento é tanto mais caloroso, Senhor Presidente do Conselho, quanto é certo jamais haver a «Casa do Algarve», numa persistente acção de verdadeira política do espírito, deixado de pugnar para que se reacendesse a ideia de tal Monumento, que sempre considerou — e com renovada fé hoje considera — uma das garantias mais expressivas da continuidade, bem necessária, do culto universal da Obra de Sagres.

Como Portugueses e Algarvios, orgulhosos, pois, de mais uma vez ter o Governo da Nação reconhecido a Sagres os direitos que pela história lhe cabem no livro de ouro das nossas tradições civilizadoras, não podíamos deixar de vir testemunhar a Vossa Excelência e a todo o Governo, os nossos agradecimentos sinceros, com os protestos da mais alta consideração e respeito.

«Casa do Algarve», em Lisboa, 26 de Julho de 1954.

Os Corpos Gerentes e Consultivos»

A PROECÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

«Além de todos os componentes dos corpos referidos e do Ilustre Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Senhor Dr. Júlio Dantas, como Sócio Honorário da «Casa do Algarve» e Presidente da Comissão do Monumento nomeada pelo Governo em 1933, assinaram esta Mensagem os Excelentíssimos Deputados pela Província à Assembleia Nacional, Senhores Engenheiro Sebastião Ramirez, Comandante Henrique Tenreiro, Coronel Sousa Rosal Júnior e Dr. João Ameal, bem como todos os colaboradores do ciclo de conferências e palestras promovidas pela Comissão Cultural da Colectividade».

O «Diário de Notícias», de 14 de Outubro de 1955, dizia: «Dicidiu-se, assim, que das comemorações a realizar em 1960 fizesse parte a erecção no promontório de Sagres, de um monumento que, além de constituir particular homenagem ao Infante, represente a consagração do primeiro ciclo dos descobrimentos dos portugueses e do movimento que abriu o mar à civilização do Ocidente. Foi fixada a verba de 35 mil contos como limite máximo do custo orçado do conjunto dos traba-

lhos para a realização do monumento e urbanização do local onde vai ser levantado. Publicado em Dezembro último o respectivo regulamento, foi depois aberto concurso e nomeado, segundo as disposições legais, o júri, do qual, além dos membros nacionais, fizeram parte dois delegados da União Internacional dos Architectos, os architectos professores Jean Tschumi e G. B. Coas, respectivamente, presidente e vice-presidente da União, que foram nomeados de harmonia com as normas estabelecidas pelo mesmo organismo para concursos internacionais».

O mesmo número do «Diário de Notícias», com o artigo intitulado «Os concorrentes já classificados, dos projectos do Monumento ao Infante D. Henrique, apresentarão os trabalhos da segunda prova dentro de seis meses», dá ideia do notável interesse criado à volta deste acontecimento ao referir a circunstância de terem sido apresentados ao concurso quarenta e nove projectos, sendo vinte e cinco de origem estrangeira. Anunciados pelo júri, foram, em 30 de Setembro, classificados e admitidos à segunda prova os seguintes

A PROJECCÃO DO INFANTE NO MUNDO

concorrentes, indicados por ordem alfabética das respectivas divisas:

«*Caravela*» — Autores: architecto António Maria Veloso Reis, engenheiros civis Jaime Pereira Gomes e António Barreto Areosa Feio e escultor Leopoldo Neves de Almeida. Colaborador: eng. electrotécnico João Jacinto Tomé.

«*Dilatando a Fé, o Império*» — Autores: architectos Carlos Rebelo de Andrade e Guilherme Rebelo de Andrade, eng. civil Edgar Cardoso e escultor Rui Gameiro. Colaboradores: eng. electrotécnico João Chaves Barreto Ferreira do Amaral, escultor Alvaro de Brée, pintores Jaime Martins Barata e Manuel Lapa e consultor arqueológico artístico J. Leitão de Barros.

«*Mar Novo*» — Autores: architecto João de Melo Breyner Andersen, engenheiros civis Júlio Ferry do Espírito Santo Borges e José Maria Dias Simões Coelho, escultor Salvador de Eça Barata Feio e pintor Júlio Resende.

«*Nau*» — Autores: architecto Filipe Nobre de Figueiredo, eng. civil Manuel Agostinho Duarte Gaspar e escultor António Duarte.

«*Talent de Bien Faire*» — Autores: architecto Cassiano Viriato Branco, engenheiros civis Joaquim Laginha Serafim, José Teles de Menezes e António João Cunha Ferreira e escultor António dos Santos.

«Foi enviado para o «Diário do Governo» um aviso com a indicação dos trabalhos admitidos à segunda prova do concurso, para a realização da qual foi fixado o prazo de seis meses».

No dia 16 de Agosto de 1956, no Mosteiro dos Jerónimos, reuniu-se o júri para apreciar e classificar os cinco projectos que haviam sido seleccionados para a prova final que ia realizar-se. O primeiro classificado foi *Mar Novo*, o segundo *Nau*, o terceiro *Caravela*, o quarto *Dilatando a Fé, o Império*, e o quinto *Talent de Bien Faire*.

E' curioso notar que o projecto «Mar Novo», escolhido para o Monumento ao Infante a ser erguido em Sagres, foi concebido pelo architecto João de Melo Breyner Andresen e pelo pintor Júlio Resende, nascidos no Porto, e pelo escultor Barata Feio, professor na Escola de Belas-Artes do Porto.

Depois de todas estas realizações, tendo sido

A PROECÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

aprovado, em definitivo, o projecto *Mar Novo* concebido por ilustres artistas nacionais, dos mais representativos nas nossas Artes Plásticas, tanto na Architectura, como na Pintura e Escultura. ficou sem efeito o Monumento em Sagres por razões que até hoje desconhecemos.

A PROJECCÃO DO INFANTE NO MUNDO

Ao começarem, hoje, dia 4 de Março de 1960, as vastas comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique, todo o País vibra de emoção ao recordar tão grandiosa figura do nosso passado, mas tão actual e viva nos nossos corações como a do Almirante Gago Coutinho, recentemente desaparecido.

As comemorações organizadas por uma grande comissão, sob a presidência do ilustre académico Prof. Doutor Caeiro da Mata, vão ter um brilho inesquecível para Portugal e para o mundo inteiro. Todo o verdadeiro patriota deve sentir-se orgulhoso e feliz de pertencer a uma Nação de tão gloriosa história.

O Brasil estará presente nestas comemorações na pessoa do ilustre Presidente da República e de altas individualidades do país irmão, o maior da América do Sul, descoberto e civilizado, graças à Epopeia Marítima dos Portugueses.

O Infante D. Henrique, quinto filho de El-Rei D. João I, nasceu no Porto no dia 4 de Março de 1394, há precisamente 566 anos, e morreu no Algarve, na Vila do Infante, em Sagres, às 11 horas da noite do dia 13 de Novembro de 1460, segundo o cronista Damião de Góis.

Em Novembro faz, portanto, 500 anos que desapareceu do número dos vivos esta extraordinária figura da Humanidade, razão por que o Governo da Nação resolveu comemorar solenemente a gloriosa data.

O Infante foi sepultado na igreja de Santa Maria, em Lagos, e trasladado para o mosteiro da Batalha, onde hoje repousa em paz e glória.

Desde muito novo D. Henrique foi um apaixonado pela caça, pela cavalaria e pelas aventuras guerreiras. Era sombrio e austero, duro de carácter, insensível perante o sofrimento, transformando-o em sacrifício heróico.

Apenas com vinte anos, D. Henrique e seus irmãos D. Duarte e D. Pedro planearam uma expedição militar contra os Mouros do norte de África.

Essa expedição saiu da praia do Restelo, em Belém, em 23 de Julho de 1415. Nela, 70 navios

hasteavam o pendão tricolor do Infante com a sua divisa «Talent de bien fair» — Vontade de bem fazer. /e

Durante a viagem da poderosa frota portuguesa, para a conquista de Ceuta, o Rei D. João I, incumbiu D. Henrique da parte inicial. Ràpidamente a praça forte de Ceuta foi conquistada aos Mouros.

O Infante D. Henrique, só em África, depois de ter demonstrado, nesta expedição, que era um verdadeiro homem de armas, consentiu ser armado cavaleiro. Tal attitude revela o nobre carácter de D. Henrique, a coerência dos seus actos e das suas atitudes.

Pela vida fora mostrou que os interesses pessoais deixavam de existir perante os interesses da Nação. Renunciara a todos os prazeres da Côrte, renegara o amor abraçando a castidade. Foi o Homem forte, física e moralmente, que punha acima de tudo o dever, que sabia querer e sabia vencer, lutando sempre para conseguir os altos feitos que asseguraram toda a epopeia dos Descobrimentos e que tornaram Portugal o maior império do Mundo.

Para tal, o Infante soube rodear-se de sábios e de heróis, rijos como o aço, tais como os Zarcos,

os Perestrelas e os Gil-Eanes, e assim conseguiu desvendar o mar tenebroso, envolto em lendas infernais.

O seu sonho de conquistar novos mundos levou-o a sacrificar tudo ao seu plano grandioso — imenso — que jamais foi realizado por outro génio terrestre.

Com vontade indomável, revolveu a terra e o mar, fez com que os bravos marinheiros portugueses enchessem de luz as trevas do oceano, levando a fé de Cristo a ilhas e continentes longínquos.

Foi um Homem de ténpera invulgar que passou por cima dos cadáveres dos irmãos para arrancar às entranhas dos oceanos um vasto império, que glorificou a Pátria, o Povo português e a Humanidade.

Oliveira Martins diz do Infante D. Henrique: «Para vencer teve de despedaçar não talvez o coração próprio, porque a sua natureza genial era rebelde ao sentimento, mas a felicidade, a paz e até a própria vida de três irmãos que acabaram, mais ou menos por culpa dele, um desfeito em dor, outro imolado no cativeiro, outro varado por uma seta no tumulto da guerra civil».

A PROECÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

Diz ainda o grande historiador: «A memória do Infante não era feita de humanidade, mas de génio.»

Foi o Infante quem fez dos portugueses um povo navegador, que conquistou novos mundos e novos mares, colocando Portugal na dianteira de todas as outras nações civilizadas.

Depois da vitória de Aljubarrota, começo brilhante da 2.^a dinastia, o povo português, não tendo mais Mouros e Castelhanos a expulsar da Pátria, adquirida a têmpera dos heróis, entregou-se ao maior feito da História da Humanidade — OS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS.

E' sempre com emoção que evoco a extraordinária epopeia dos navegantes portugueses, que se lançaram na realização de um ideal que transcendia as suas possibilidades, e a sua própria época.

Os portugueses, reconhecendo que os seus sonhos de glória e de grandeza não eram realizáveis nos acanhados territórios da mãe pátria, foram irresistivelmente atraídos a desvendar novos mundos. O mar tenebroso — O Oceano Atlântico — que Ptolomeu considerava infinito, e um imenso deserto aquático, era o caminho que os conduzia a um Portugal maior.

A Geografia de Ptolomeu considerava inacessível o caminho do sul, ao longo da costa africana, por via marítima, e, muito menos possível, contornar a África dentro de um navio.

Para Ptolomeu, esse vasto continente era arenoso e inabitável, sem condições económicas, estendendo-se até ao polo Antártico. Mas, os portugueses como que inspirados por Deus, foram firmes no propósito de chegar à Índia pelo mar: a Índia, terra das especiarias, das sedas e das pérolas, terra de fabulosas riquezas. Em Portugal, criou-se então uma vontade indómita de chegar a esse país de maravilhas, vencendo os monstros lendários que a guardavam.

Um príncipe português, cavaleiro da Ínclita Geração, incarnou esse desejo, viveu apaixonadamente essa aventura, dedicou-lhe toda a vida e fortuna, pôs ao serviço de tal projecto a sua poderosa inteligência, e invulgares recursos de organizador. Depois de uma vida dedicada à realização dos Descobrimentos, conseguiu provar que o sábio grego Ptolomeu se havia enganado e que os portugueses chegariam à Índia pelo mar. Essa estranha figura que foi o Infante D. Henrique — é a

A PROJEÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

mais grandiosa da História de Portugal. Visionário, desprezando honras e benesses da Côrte, escolheu a solidão do Promontório de Sagres, onde se instalou, entregando-se à investigação, preparando expedições, que, a pouco e pouco, iam penetrando nos «mares nunca dantes navegados», descobrindo novas terras e novos mundos banhados por mares desconhecidos.

O Infante, reconhecendo as dificuldades a vencer para a realização de semelhante empresa, contratou os sábios mais famosos, para corrigirem e modificarem os instrumentos náuticos, construir naus e caravelas de oitenta a cem toneladas, aptas a defrontar o mar alto, mesmo por fortes tempestades. Encarregou-os de escrever roteiros e cartas geográficas, de acôrdo com as novas descobertas marítimas, fazer a descrição de povos e países que as expedições marítimas iam dando a conhecer aos portugueses e ao mundo.

D. Henrique, depois de uma obra gigantesca que permitiu a realização de todas as descobertas marítimas, legou a Portugal os melhores, os mais modernos navios, e os mais conhecedores mareantes dos séculos xv e xvi.

A primeira fase do triunfo da navegação portuguesa não consiste na descoberta de muitas terras, mas, principalmente, na destruição dos mitos tenebrosos que amedrontavam o Mundo. Durante séculos e séculos, tinham os marinheiros afirmado que, para além do Cabo Não, toda a navegação seria impossível. Para lá começava «o mar verde das sombras», e aí do «navio que se aventurasse nessas zonas mortíferas». Diziam que o mar, queimado pelo ardor do sol, estava nos trópicos em permanente ebulição. Imediatamente ardiam pranchas e velas, e todo o cristão que ousasse entrar no «País de Satanás», vulcão de cratera incandescente, ficaria transformado em negro.

Nada nos infunde mais respeito do que o receio do desconhecido e, para que o Infante conseguisse a marinhagem para a sua primeira expedição marítima, teve de pedir ao Pontífice reinante que dispensasse remissão completa de pecados a todos os que nela tomassem parte.

Enviados pelo Infante, Gonçalves Zarco e Tristão Vaz descobrem, em 1418, as ilhas de Porto Santo e Madeira. Em 1434, Gil-Eanes dobra o temeroso Cabo Não, reputado intransponível. O In-

A PROECÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

fante demonstrou assim, ao mundo, que o afamado Ptolomeu estava longe da verdade.

Desde então, não mais faltaram tripulações sedentas de aventura, e, todo o povo português vivia apaixonadamente os feitos da geração que caminhava decidida, firme e unida para transfigurar o mundo.

O Oceano Atlântico foi o laboratório donde saíram o método científico e o espírito positivo que caracterizam o Mundo Moderno.

Leonardo da Vinci, Galileu, Bacon, Descartes, Espinosa, estão ligados aos Descobrimentos, como o efeito à causa.

As navegações traduzem, em boa verdade, o triunfo do método experimental sobre o apriorismo e a lógica medieval, da ciência sobre a mística, das verdades sobre as superstições.

Antes de nenhum outro, empregou o povo português a observação metódica no estudo do Globo Terrestre e dos astros, fundando a geografia científica e a astronomia, em substituição das velhas práticas místicas, atingindo, precocemente, o espírito de livre exame, que representa o último grau da emancipação e dignificação do homem.

Quando Galileu subiu à Tôrre de Pisa, duvidando da ciência oficial, já sábios portugueses haviam oposto triunfantemente a evidência subjectiva ao critério da autoridade, destruindo as falsas vedações que separavam os povos. Já Garcia da Orta, no «Colóquio dos Simples», opusera o próprio testemunho às afirmações de Galeno.

Mas nem só neste domínio se afirmou o nosso engenho. Os célebres comentadores de Aristóteles, no Colégio de Coimbra, foram, em grande parte, os herdeiros dos árabes e os intermediários imediatos entre o mundo medieval e o moderno.

Como reconhece Gilson, nos «Estudos de Filosofia Medieval», influenciaram Descartes na explicação do fenómeno das trovoadas e tremores de terra.

De presumir é ainda, que tivéssemos sido os precursores de Newton, na explicação das marés pela influência lunar, e nos estudos sobre gravitação Universal.

Duarte Pacheco, no «Esmeraldo», por volta de 1500, demonstra claramente o que é a força da gravidade.

Por seu lado o Dr. António Luís, Professor da

A PROECÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

Universidade de Coimbra, 40 anos mais tarde, mas um século antes do nascimento de Newton, exprime-se deste modo: «Ouso, finalmente, afirmar que se encontra espalhada por toda a natureza uma fôrça de atracção (fôrça atractiva) que liga entre si os seres por laços insolúveis, porque não será fácil encontrar qualquer objecto que não possua uma fôrça de aproximação ou afastamento com outros objectos, donde eu concluo a existência da atracção. E' esta fôrça que une o mundo por laços invisíveis, de tal maneira que todas as suas partes, mesmo as mais afastadas, se mantêm no seu lugar sem cair».

Dentre os mais importantes elementos da difusão da arte e da cultura portuguesas, além dos que derivam da nossa situação de primeiro empório comercial do mundo, devemos contar a expulsão dos judeus e a universalidade da Companhia de Jesus.

Expulsos do nosso país por D. Manuel, para condescender com a noiva, viúva do sobrinho e filha dos Reis Católicos, espalharam-se por toda a Europa, levando consigo tudo o que a cultura portuguesa tinha de notável e de original, inclusiva-

mente alguns segredos até então cuidadosamente subtraídos à curiosidade dos outros povos. Tão grande foi o papel dos judeus expulsos de Portugal, nos países que os acolheram que, num escrito dirigido de Roma, do Cardeal Inquisidor Geral, sucessor do Cardeal D. Veríssimo de Andrade, se diz que, quem fez ricos e opulentos a Holanda, Inglaterra, França e Itália, foram o dinheiro e riquezas de Portugal, levados pelos judeus portugueses.

Nos reinados de D. João II e D. Manuel, Portugal enviou a Paris numerosos pensionistas, sendo o célebre colégio de Santa Bárbara dirigido por Diogo de Gouveia e vários outros professores portugueses.

Estas relações foram, porém, igualmente reforçadas com o novo êxodo dos Judeus que ali estabeleceram também colónias, algumas das quais rapidamente se tornaram populosas, ricas e influentes.

Com a Itália, conhecem-se bem as ligações de toda a ordem que mantivemos no período do Renascimento. A ela se acolheram igualmente os judeus que se viram forçados a abandonar o nosso

país, constituindo núcleos consideráveis, nomeadamente o de Veneza.

Entre o grande número de portugueses ilustres que se distinguiram fora da pátria, citaremos apenas alguns como Amato Lusitano, um dos mais famosos médicos europeus do seu tempo, Marçal de Gouveia, António de Gouveia, André de Gouveia e Francisco Sanches, um dos filósofos precursores do cartesianismo.

Por fim, aludiremos à célebre embaixada de Francisco de Noronha, enviada por El-Rei D. Manuel ao Papa Leão X, que pelo seu fausto, pompa e riqueza conseguiu deslumbrar o magnífico descendente dos Médicis e as côrtes europeias, significando, por certo, uma exibição, delirante de orgulho, espavento e grandeza do mais poderoso soberano do seu tempo, mas traduzindo igualmente a situação de preponderância e domínio que disfrutávamos na política europeia.

Por todas estas razões, entendemos que é necessário estudar o problema português na época dos Descobrimentos, à luz das influências que se produziram, particularmente, na evolução da arte, o que esclarecerá certas questões obscuras ainda.

Os povos, como os indivíduos valem muito por aquilo que ostentam e a modéstia excessiva é sempre prejudicial.

A magnificência está estruturalmente ligada à soberania. Até hoje, tem-se procurado roubar, numa atitude duplamente condenável, toda a originalidade e mérito à Architectura Manuelina — um produto da Epopeia dos Descobrimentos.

A Arte Manuelina criou, na opinião de abalizados críticos estrangeiros, o mais belo Claustro do Mundo — o dos Jerónimos.

Foi a mesma arte que presidiu à construção das Capelas inacabadas da Batalha que rivalizam em beleza e magnificência com os mais opulentos e majestosos templos orientais. E' ainda manuelina a Igreja do Convento de Cristo, em Tomar, e que no dizer de Haupt é «a mais estupenda criação da architectura através dos tempos». Segundo Bertrause, a obra mais admirável da arte manuelina é a janela da sala dos cavaleiros, em Tomar. Evoca, com a sua pesada ornamentação de cordas, algas e madréporas, o mistério do Oceano, que era o caminho do novo Império; e esta arte marítima, acentua ainda, é única no mundo.

A Architectura Manuelina foi o abraço potente e fecundo em que se estreitaram, numa união feliz, o génio racionalista, geométrico, estático e frio da Europa com o espírito imaginativo e desordenado, mas exuberante, sensual e dinâmico da Asia tropical.

Mas voltemos aos Descobrimentos, à nossa Epopeia Marítima. Em 1471 os portugueses atingem o Equador, e, Diogo Cão, em 1482, chega à desembocadura do Congo; em 1488, Bartolomeu Dias dobra o «Cabo das Tormentas», — Cabo da Boa Esperança, — tornando realidade o sonho do Infante. Aí as tempestades assaltam os navios, rasgam-lhes as velas, partem-lhes os mastros, mas o intrépido capitão resiste às fúria das vagas, e, decidido, avança e chega à costa oriental da África. No entanto, a tripulação revolta-se e Bartolomeu Dias é forçado a regressar sem ter chegado à Índia. Um outro conquistador dos mares aproveitará a sua rota e chegará à Índia. — Esse herói será Vasco da Gama.

Poucos anos após a morte do Infante D. Henrique, os seus discípulos e herdeiros realizam o sonho de toda a sua existência. O olhar de toda

a civilização europeia e do mundo volta-se, cheio de admiração e inveja, para o pequeno povo do extremo ocidental da Europa, que dilata os seus domínios, multiplicando-os milhares de vezes, enquanto as grandes nações europeias — a França, a Alemanha e a Itália — se dilaceram mutuamente em longas guerras. O poder de Portugal é tão grande, a mutação é tão rápida, que Portugal se torna o primeiro poder marítimo do globo. Uma das mais pequenas nações europeias dominou mais espaço no mundo do que o grande império romano no tempo da sua maior expansão.

Portugal tinha então apenas um milhão e meio de habitantes e ocupava a África, a Índia e o Brasil. A ilimitada expansão de Portugal representava quase um absurdo. Mas essa ilimitada expansão realizou-se devido ao heroísmo da raça lusa que se concentrou num único esforço — a loucura dos Descobrimentos.

Portugal, em fins do século XIV e princípios do século XV, viveu os momentos mais gloriosos de toda a sua História, tornou-se o senhor de novos mundos — foi a primeira nação da Europa e a condutora da Humanidade.

A PROECÇÃO DO INFANTE NO MUNDO

Os grandes feitos de um povo isolado passaram a ser pertença de todos os povos. As últimas notícias de Lisboa aguardavam-se com febril impaciência em todas as côrtes e em todas as Universidades. Toda a Europa compreendeu o que havia de vasto e de criador nos feitos portugueses. A Europa reconheceu que a navegação e os descobrimentos iam modificar o mundo, mais decisivamente do que todas as guerras. A Europa sentiu que acaba de vez uma época, a Idade Média — e começa uma nova era.

Compenetrado do valor de tal momento histórico, ergue-se a voz do grande humanista Policiano, nestas palavras entusiastas: «Os portugueses não só passaram as colunas de Hércules, dominando o Oceano temeroso, mas também restabeleceram a unidade do mundo habitável. Que novas possibilidades e vantagens económicas, que nova amplitude para a ciência, que confirmações dos antigos conhecimentos até hoje desprezados, como poucos dignos de fé, temos nós agora o direito de esperar! Das trevas dos séculos surgem novos países, novos mares, novos mundos».

E acabou por afirmar: «Portugal é hoje o guardião, o detentor de um segundo mundo».

Por tais empreendimentos a figura do Infante é a mais grandiosa da nossa história, — de tal forma é gigante a sua projecção que é única no Mundo. A sua evocação no presente, é a realidade da sua obra incomparável que se projecta, viva, ardente, no tempo e no espaço.

A universalidade portuguesa deve-se à obra de D. Henrique, donde resultou a epopeia imorredoura dos Descobrimentos, à glória dessa fulgurante figura, que ainda hoje assombra o Mundo, pois foi o expoente de uma civilização que ultrapassou todos os feitos da História.

Dessa estranha personagem que abriu novos caminhos à Humanidade surge a unidade da civilização ocidental que liga os continentes atlânticos. Este Príncipe é bem o glorioso patrono da civilização Atlântica, pois sem ele o Mundo de hoje seria bem diferente do que é.

A dívida da Nação portuguesa, apesar destas extraordinárias festas comemorativas do quinto centenário da morte em Sagres do Infante, continua ainda em aberto. Sem uma colossal estátua

no Promontório que se projecte no mar infindável como a sua obra se projecta no Mundo, resulta uma obra incompleta.

O monumento da autoria do escultor Leopoldo de Almeida que nestas comemorações henriquinas vai ser inaugurado em Belém, é, apesar da feliz concepção, arranjo architectónico e valor artístico, bem localizado junto das jóias do nosso estilo Manuelino, Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos, apenas um marco a lembrar a primeira acção guerreira do Infante. Foi dali que partiu a grande frota que conquistou Ceuta. Esta expedição militar, em parte organizada pelo Infante, está para a obra do Príncipe Navegador como um devaneio guerreiro da juventude sem o elo de ligação que originou a Epopeia dos Descobrimentos.

Por isso, no nosso entender, este monumento, que se harmoniza admiravelmente com o local, não significa nem substitui a homenagem que o Povo Português lhe deve no Promontório de Sagres, — único lugar onde deve erguer-se uma estatua colossal do Infante —, mas de tal forma descomunal que se imponha à grandiosidade dessa ponta de Sagres.

Uma figura de bronze, de 100 metros de altura, onde à noite, sobre o seu chapéu a luz jorre, como um novo astro que desponta na Velha Europa — iluminando as trevas do oceano — e, de longe, nos pareça uma auréola a coroar a cabeça do Príncipe — O Navegador.

Este é, julgamos, o único monumento digno do génio dos Descobrimentos. E' pena que nestas grandiosas Festas Henriquinas não seja erguida em Sagres a figura do Infante, tão grandiosa como o seu Promontório, «onde a terra se acaba e o mar começa», donde o Príncipe via partir ou passar as mais importantes expedições hasteando o seu pendão e nas velas brilhando a Cruz de Cristo.

Como homenagem *per omnia saecula*, o Governo Português deveria tornar obrigatório, à Marinha de Guerra, que, ao dobrar o Sacro Promontório — salvasse — como antigamente faziam os navios, dando assim o exemplo da gratidão de todos os que cruzam aquelas paragens, exemplo que não deixaria de ser seguido pelas demais Marinhas do Mundo.

A PROJECCÃO DO INFANTE NO MUNDO

BIBLIOGRAFIA

Obras consultadas para a realização do estudo intitulado «A Projecção do Infante no Mundo»:

A Crónica da Guiné, de Zurara;

História das Descobrimentos Portugueses, de Damião Peres;

O Infante D. Henrique e o início dos Descobrimentos Modernos, de Beazley;

Origem e evolução da Cartografia náutica portuguesa na época dos Descobrimentos, de António Barbosa;

Garcia de Orta, Colóquios dos Simples, ed. de Joaquim de Bensaúde;

H.^e de la Science Nautique au Portugal de Bensaúde;

Etudes de Philosophie Médiévale, de Gilson.

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	7
Os Projectos do Monumento em Sagres	13
A Projecção do Infante no Mundo	23
Bibliografia	43

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA
ARTÍSTICA, LDA, — RUA DO DIÁRIO DE
NOTÍCIAS 113 A 117 — TEL. 28761 — LISBOA
5-950 6137